

Notas sobre a Semana Santa e a Ressurreição do Senhor (a Semana Maior para os cristãos)

Nota prévia:

Estamos a viver a Semana Santa considerada a Semana Maior para os cristãos. Deixamos a seguir algumas notas sobre o que se terá passado há cerca de 2000 anos em Jerusalém e seus arredores, cidade santa para os judeus.

Hoje sabe-se bastante sobre esses tempos e é bom trabalhar sobre essas informações históricas para compreender o que se passou e a validade do conteúdo dos Evangelhos, quer no quadro histórico, quer no quadro da catequese que os 4 evangelistas trouxeram até nós. Nos dois últimos séculos, graças à arqueologia, à história, à metodologia das ciências, etc. que evoluíram extraordinariamente, temos a possibilidade de construir uma explicação para as concordâncias ou a falta delas, entre a atividade cultural e ritual por parte das altas autoridades religiosas judaicas no Templo de Jerusalém dos séculos I a.C./I d.C., os ritos e o culto hebraico nas sinagogas, a existência histórica de Jesus de Nazaré na Galileia, Samaria e Judeia e a Sua Fé em Deus Pai e Pai-nosso, anunciando o projeto do Pai e explicando o programa a seguir por todos para viver o Reino de Deus aqui na Terra como no Céu.

Sumariamos alguns pontos sobre os quais iremos deixar notas e sempre apoiados no que hoje se sabe e dado à estampa por historiadores, exegetas, teólogos, biblistas etc.

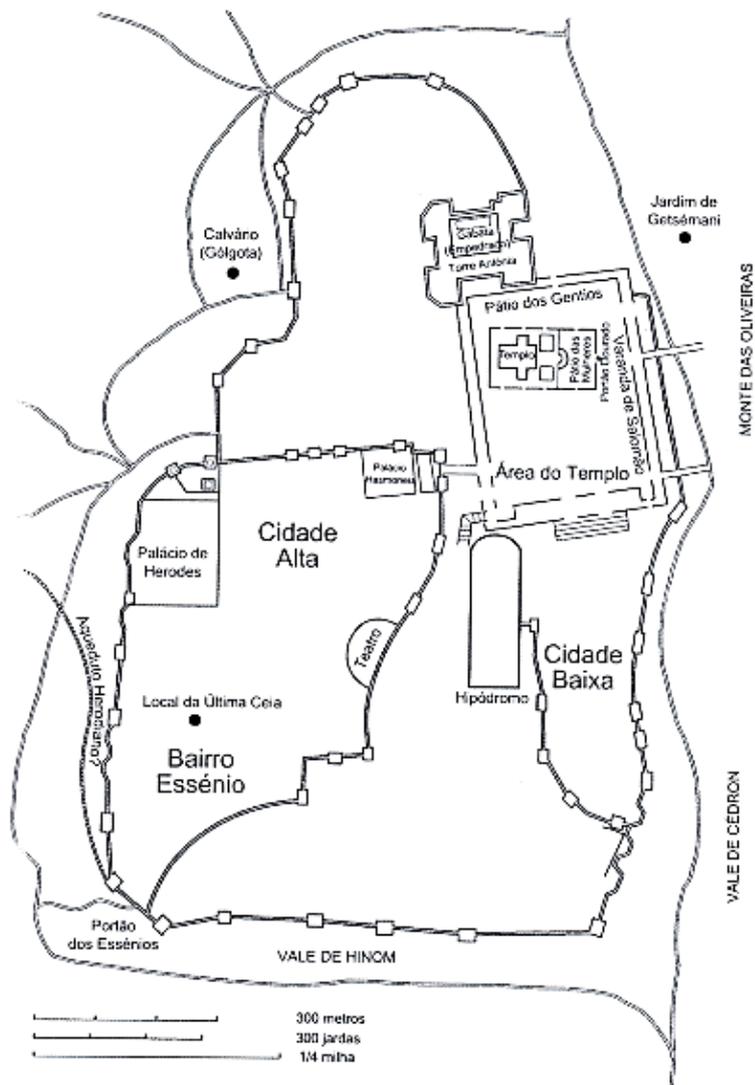
Índice:

1. Do Cenáculo (onde foi realizada a última ceia) ao Calvário;
2. Que idade teria Jesus de Nazaré quando morreu?
3. Figuras relevantes do quadro da última semana de vida de Jesus;
4. A Última Ceia;
5. Últimas palavras de Jesus antes de morrer na Cruz;
6. A Ressurreição.

1. Do Cenáculo (onde foi realizada a última ceia) ao Calvário.

O esquiço que a seguir se deixa, procura mostrar o mapa de Jerusalém no tempo de Jesus de Nazaré, e consta do livro “O mistério da última ceia” de Colin J. Humphreys pág. 203 e cuja leitura se aconselha. A última ceia terá sido realizada na sala de cima (Cenáculo) da casa de Maria, mãe de João Marcos (que segundo se crê foi o autor do primeiro Evangelho), no bairro Essénio. O percurso desde a casa onde Jesus de Nazaré e os seus 12 apóstolos fizeram a última ceia (Judas ainda esteve presente na ceia) e o Getsémani (lugar do lagar ou fábrica de azeite) foi feito pelo percurso assinalado – portão dos Essénios, vale de Hinom, vale de Cédrom, monte das oliveiras e jardim do Getsémani - e terá demorado cerca de 30/40 minutos, durante a noite, iluminada pela lua cheia do 1º mês de Nissan (a 1ª lua cheia depois do equinócio da primavera).

Depois de estregue por Judas e preso no jardim do Getsémani, Jesus manietado, terá feito o percurso inverso até à apresentação ao Sumo sacerdote Anás, depois ao Sumo sacerdote Caifás, julgamento no Sinédrio, apresentação a Pilatos e a Herodes Antipas, condenação à morte e caminho até ao Gólgota (Calvário) para ser crucificado.



Jerusalém no tempo de Jesus, mostrando a localização provável do Portão dos Essênios, o bairro essênio, a Última Ceia e o jardim de Getsémani.

2. Que idade tinha Jesus de Nazaré quando morreu.

(Seguimos textualmente Colin J. Humphreys – “O mistério da última ceia” -, págs.93/94, Edições Oficina do Livro, março 2012. Esta opção decorre da concordância quase total com outros autores e especialmente com a homilia do Papa Bento XVI em Quinta-feira Santa, 05 de abril de 2007)

“A Bíblia dá-nos apenas duas referências sobre a idade de Jesus. Lucas diz-nos que “ao iniciar o seu ministério, Jesus tinha cerca de 30 anos” (Lc 3,23). Por outro lado, João recorda que os judeus disseram a Jesus durante o seu ministério: “Ainda não tens 50 anos e viste Abraão?” (Jo 8,57). Ambos os valores são números redondos. Tal como Hoehner refere, em Jo 8,57, os judeus estavam a enfatizar a juventude de Jesus em contraste com a sua afirmação de que ele tinha existido antes de Abraão, portanto não devemos tomar a declaração dos “50 anos” de forma demasiado literal.

Voltando a Lucas, é interessante contrastar a precisão com que ele afirma que João Batista iniciou o seu ministério “no décimo quinto ano do reinado de Tibério” (Lc 3,1) com a imprecisão em relação ao início do ministério de Jesus: Ele tinha “cerca de 30 anos” (Lc 3,23). Parece que Lucas não sabia o ano exato do nascimento de Jesus, visto que apenas consegue apontar uma idade aproximada

para ele. Hoehner pergunta: ” Quanta latitude se pode permitir a “cerca de” 30 anos? Não parece verosímil que sejam mais de dois ou três anos acima ou abaixo dos 30. Paul Maier defende que os “cerca de 30” de Lucas podem servir para qualquer idade entre os 26 e os 34 anos”.

Defendi noutra sítio que Jesus nasceu em abril de 5 a.C. (*Colin J. Humphreys, The Star of Bethlehem – a Comet in 5 a.C. – and the Date of the Birth of Christ*). O ministério público de Jesus pode ter começado alguns meses antes da primeira Páscoa do seu ministério, no outono de 29 a.C.-portanto o seu ministério foi de cerca de três anos e meio. Se Jesus nasceu em abril de 5 a. C., então teria 33 anos quando começou o seu ministério (recorde-se que não existe o ano zero no calendário, que passa de 1 a.C. para 1 d.C.). Isto é consistente com Lucas 3,23 que diz que ele tinha “cerca de 30” nesta altura. Se o “cerca de” permitir uma variação de quatro anos em vez de três, então a primeira Páscoa do ministério de Jesus pode ter sido em 31 d.C. (com o ministério a durar cerca de dois anos e meio). De qualquer das formas, Jesus estaria perto do seu 37º aniversário quando morreu, a 3 de abril de 33 d.C.

Nota particular: *Aconselha-se vivamente esta obra de Colin J. Humphreys para se compreender como o autor chegou a estas e outras datas, no quadro dos últimos dias de Jesus de Nazaré, em Jerusalém.*

3. Figuras relevantes do quadro da última semana de vida de Jesus.

a) Os apóstolos

Os escolhidos por Jesus de Nazaré para uma vida plena e para serem os primeiros com total compreensão das escrituras no sentido do projeto de Deus. Afinal, a abertura à compreensão plena de como realizar o Reino de Deus já aqui na Terra. Seriam os seguidores do Mestre depois da sua partida para o Pai. Em número inicial de 12 (simbólico de todo o povo da Terra como o eram as 12 tribos de Israel) não devemos confundir este número com o dos discípulos de Jesus de Nazaré. Estes eram muitos e não sabemos o seu número. Destes 12 apenas 3 eram íntimos de Jesus de Nazaré – Pedro, Tiago e João. Estão presentes com Jesus de Nazaré nos momentos cruciais da Sua vida pública.

b) Judas

O desiludido com a experiência messiânica ao “estilo” do amor infinito de Deus e não ao “estilo” do reinado do poder de turno. Há dúvidas se pertencia a um grupo religioso-político conhecido por “zelotas”.

c) Anás

Sumo sacerdote entre 6 d.C. e 15 d.C. considerado “o poder por detrás do trono” pois em 33d.C. já não estava em exercício. Era sogro de Caifás;

d) Caifás

Sumo sacerdote entre 18 e 36 d. C.;

e) Pôncio Pilatos

Governador da Judeia entre 26 d.C. e 37 d.C.;

f) Herodes Antipas

Teve de interferir na decisão de condenar à morte Jesus de Nazaré, que era da Galileia, por ser ele o Governador da Galileia na época;

g) Sinédrio

O Sinédrio (Sanhedrim) era a Corte Suprema da lei judia, com a missão de administrar a justiça, interpretando e aplicando a Torá (Pentateuco), tanto oral como escrita. Exercia, simultaneamente, a representação do povo judeu perante a autoridade romana. De acordo com uma antiga tradição,

tinha setenta e um membros, herdeiros, segundo se supunha, das tarefas desempenhadas pelos setenta anciãos que ajudavam a Moisés (daí serem 71) na administração da justiça, além do próprio Moisés. Desenvolveu-se, integrando representantes da nobreza sacerdotal e das famílias mais notáveis, possivelmente durante o período persa, quer dizer, a partir do século V-IV a.C. Na época dos governadores romanos, inclusive na de Pôncio Pilatos, o Sinédrio exerceu de novo as funções judiciais em processos civis e penais, dentro do território da Judeia. Nesse momento, as suas relações com a administração romana eram tensas, e o relativo âmbito de autonomia que lhe foi outorgado estava em consonância com a política romana nos territórios conquistados. Não obstante, o mais provável é que nesses momentos, a *"potestas gladii"*, isto é, a capacidade de ditar uma sentença de morte, estivesse reservado ao governador romano (*"prefectus"*), que como era habitual, nesses momentos, teria recebido do imperador romano amplos poderes judiciais, entre eles os de decretar a morte. O Sinédrio, portanto, embora pudesse julgar as causas que lhes eram próprias, não podia condenar ninguém à morte. A reunião de seus membros durante a noite para interrogar Jesus constituiu apenas uma investigação preliminar para definir as diversas acusações que mereciam a pena capital para, depois, apresentá-las, na manhã seguinte, contra Jesus no processo perante o Prefeito romano.

- h) **Nicodemos** - significa "vitória do povo" resulta da junção dos elementos *nike*, que significa "vitória", e *demos*, que significa "povo".

Fariseu, doutor da Lei e príncipe dos Judeus, conselheiro do Sinédrio, é uma figura presente apenas no Evangelho de João. Encontramo-lo, pela primeira vez, quando Jesus chegou a Jerusalém. Fascinado pela sua pessoa, Nicodemos vai até Jesus, à noite, para não ser visto, tendo-o interrogado sobre a natureza da sua missão. Jesus responde-lhe que "para fazer parte do Reino de Deus era preciso renascer (nascer de novo), mas espiritualmente". Nicodemos ficou tão impressionado, a ponto de falar positivamente sobre Jesus no Conselho (Sinédrio), quando aí chegou manietado; Nicodemos levantou a voz e recordou aos fariseus que a lei permitia ao acusado ser ouvido antes de ser julgado.

Depois, no momento do sepultamento de Jesus, encontramos-lo ao lado de José de Arimateia. Foi, também, atribuído a Nicodemos um Evangelho apócrifo, escrito em grego, que remonta ao século II d.C. no qual a intervenção e o comportamento de Pôncio Pilatos foi revisitado.

- i) **Pedro**

Antes de se tornar um dos doze discípulos de Cristo, Simão era pescador. Teria nascido em Betsaida e morava em Cafarnaum. Era filho de um homem chamado João ou Jonas e tinha um irmão, o apóstolo André. Simão e André eram "empresários" da pesca e tinham sua própria frota de barcos, em sociedade com Tiago, João e o pai destes, Zebedeu. Possivelmente Pedro era casado e tinha pelo menos um filho. A sua esposa era de uma família rica e moravam numa casa própria, cuja descrição é muito semelhante a uma vila romana na cidade "romana" de Cafarnaum. Segundo o relato em Lucas 5, 1-11, no episódio conhecido como "Pesca milagrosa", Pedro teria conhecido Jesus quando este lhe pediu que utilizasse uma das suas barcas, de forma a poder pregar a uma multidão que o queria ouvir. Pedro, que estava a lavar redes com Tiago e João, seus sócios e filhos de Zebedeu, concedeu-lhe o lugar na barca, que foi afastada um pouco da margem.

No final da pregação, Jesus disse a Simão que fosse pescar de novo com as redes em águas mais profundas. Pedro disse-lhe que tentara em vão pescar durante toda a noite e nada conseguira, mas, em atenção ao seu pedido, fá-lo-ia. O resultado foi uma pescaria de tal monta que as redes iam rebentando, sendo necessária a ajuda da barca dos seus dois sócios, que também quase se afundava puxando os peixes. Numa atitude de humildade e espanto Pedro prostrou-se perante Jesus e disse para que se afastasse dele, já que era um pecador. Jesus encorajou-o, então, a segui-lo, dizendo que o tornaria "pescador de homens". É conhecido o episódio das 3 negações de Pedro no pátio do Sinédrio na fase de julgamento de Jesus de Nazaré. São catequeses extraordinárias as dos evangelistas sinóticos e de João quando apresentam os quadros de intervenção de Pedro. Ficam apenas três situações: Pedro declara perentoriamente que Jesus de Nazaré é o Messias; que todos poderiam abandoná-Lo mas ele nunca o faria; e a "repreensão" a Jesus de Nazaré quando o Mestre

os informa do sofrimento e morte por que iria passar. Livra-te, diz Pedro e Jesus responde de imediato: Vai para trás de mim, satanás.

j) As mulheres - discípulas e apóstolas

Sabendo que a crucificação era o castigo limite aplicado pelo poder romano aos delinquentes mais perigosos, especialmente com conexões políticas de rebelião ou contrapoder (diferentemente da crucificação romana, as mais violentas condenações à morte pelo poder religioso judaico era a lapidação – morte por apedrejamento), é quase seguro que não estiveram mulheres no lugar do gólgota (calvário), na cercania de Jerusalém, mas já fora dos limites territoriais da cidade. O mesmo se dirá de qualquer seguidor do Galileu, sejam homens ou mulheres. Quando muito poderia estar a muita longa distância. Importante é perceber a catequese do evangelista João, o único que fala de “sua Mãe” junto à Cruz. Por extensão, refere outras mulheres. Mas aqui o sentido teológico é superior ao sentido histórico. De facto, João queria dizer-nos que Jesus deixou a herança da Sua missão na Terra ao “resto fiel” e não como sinónimo de Maria, mãe de Jesus. Mãe como o Israel infiel agora resgatado e João como o novo Israel.

Mc 15, 40-41

⁴⁰Estavam também algumas mulheres a observar de longe, entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago Menor e de José, e Salomé, ⁴¹que o seguiam e o serviam, quando Ele estava na Galileia, e muitas outras que tinham subido com Ele para Jerusalém.

Mt 27, 55-56

⁵⁵Estavam ali muitas mulheres a observar de longe, que tinham seguido Jesus desde a Galileia para o servirem. ⁵⁶Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.

Lc 23, 49

⁴⁹Estavam presentes, mas ao longe, a ver estas coisas, todos os seus conhecidos, bem como as mulheres que o seguiam desde a Galileia.

Jo 19, 25-27

²⁵Junto à cruz de Jesus, estavam de pé a sua Mãe, a irmã da sua Mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. ²⁶Então Jesus, ao ver a Mãe e, próximo, o discípulo que amava, disse à Mãe: «Mulher, eis o teu filho». ²⁷Depois disse ao discípulo: «Eis a tua Mãe». E, a partir daquela hora, o discípulo recebeu-a entre os seus.

4. A Última Ceia

Bento XVI explica o sentido da Última Ceia de Jesus – 05.04.2007 – vaticano news.

O Papa Bento XVI abordou na tarde desta Quinta-Feira Santa – 05 de abril de 2007 - o sentido da Última Ceia de Jesus.

Na homilia da Missa da Ceia do Senhor, Bento XVI começou por falar dos sinais e do sentido da Páscoa judaica, explicando que esta celebração "oferecia uma ponte do passado para o presente e rumo ao futuro".

A libertação que Israel celebrava, todavia, "não estava completa" e, no tempo de Jesus, a celebração da Páscoa era também uma súplica pela "liberdade definitiva".

O próprio Jesus celebrou esta ceia de "múltiplos significados", com os seus, e é nesse contexto que se deve compreender a "nova Páscoa", oferecida na Eucaristia.

"No centro da Páscoa nova de Jesus estava a Cruz. Dela vinha o novo dom por Ele trazido, que permanece sempre na Santa Eucaristia, na qual podemos celebrar com os Apóstolos, ao longo dos tempos, a nova Páscoa", disse.

O Papa recordou as palavras de Jesus "ninguém me tira a vida, sou eu que a dou": "a *haggadah* pascal, a comemoração do agir salvífico de Deus, tornou-se memória da cruz e da ressurreição de Cristo", uma memória que não se limita a recordar o passado, mas que "nos atrai para a presença do amor de Cristo".

Assim, prosseguiu, a *berakha*, oração de bênção e agradecimento de Israel, "tornou-se a nossa celebração eucarística, em que o Senhor abençoa os nossos dons, pão e vinho, para dar-se nele a si mesmo".

"Rezemos ao Senhor para que nos ajude a compreender cada vez mais profundamente este mistério maravilhoso, a amá-lo cada vez mais", indicou.

"Peçamos ao Senhor – disse o Papa a concluir -que nos ajude a não guardar a nossa vida para nós, mas a dá-la a Ele e desta maneira trabalhar juntamente com Ele para que os homens encontrem a vida, a vida verdadeira que pode vir somente daquele que é, Ele mesmo, a Verdade e a Vida".

Logo após a homilia, Bento XVI cumpriu o rito do lava-pés a 12 representantes dos movimentos laicais da Diocese de Roma. Num gesto de solidariedade, o ofertório desta celebração foi destinado, por vontade do Papa, para a ajudar o dispensário médico de Baidoa, na Somália, dirigido pela Cáritas local.

Ceia Pascal Judaica e as práticas da Comunidade de Qumrân

O Papa falou da "aparente contradição" entre os relatos do Evangelho de João e o dos Sinópticos. No primeiro, Jesus morre na véspera da Páscoa (na hora em que eram imolados os Cordeiros no templo de Jerusalém) e, nos outros três Evangelhos, a Última Ceia é apresentada como uma ceia pascal nesse mesmo dia (que Jesus não poderia celebrar se tivesse morrido à hora indicada por João), na sua forma tradicional, mas com a novidade do "dom do seu corpo e do seu sangue".

Abandonando a hipótese de dar um sentido "simbólico" à data apresentada no Evangelho segundo João, o Papa indicou que a descoberta dos escritos de Qumrân, a meio do século XX, ofereceu "uma possível solução convincente", embora a mesma ainda não seja aceite por todos.

"Jesus derramou o seu sangue, de facto, na véspera da Páscoa e na hora da imolação dos cordeiros. Ele celebrou, contudo, a Páscoa com os seus discípulos, provavelmente segundo o calendário de Qumrân, por isso, pelo menos, um dia antes", indicou.

Qumrân é um local da Palestina, na margem noroeste do Mar Morto, 13 km ao sul de Jericó, onde viveu uma comunidade de ascetas judeus (possivelmente essénios). Nos arredores foram encontrados, entre 1947 e 1956, muitos manuscritos escondidos em grutas, dum período estimado entre 200 anos antes da era cristã e cerca de 100 anos depois. A descoberta do espólio permitiu conhecer este grupo religioso, de vida monástica e forte ascetismo.

Nesta comunidade havia um modo de interpretar a Escritura (e as normas legais) diferente do habitual entre saduceus e fariseus. Quanto à Páscoa, disse o Papa, "Jesus celebrou-a sem cordeiro, como a comunidade de Qumrân, que não reconhecia o templo de Herodes e esperava um novo templo".

"Jesus, portanto, celebrou a Páscoa sem cordeiro – não, não sem cordeiro: em vez do cordeiro, ofereceu-se a si mesmo, o seu corpo e o seu sangue", prosseguiu.

Nesta Páscoa "sem cordeiro e sem templo", Jesus era "o próprio Cordeiro, o verdadeiro, como tinha preanunciado João Batista no início do ministério público de Jesus", e era "o verdadeiro templo, o templo vivo em que Deus habita e no qual nós podemos encontrar Deus e adorá-lo".

"O seu sangue, o amor daquele que é, ao mesmo tempo, Filho de Deus e verdadeiro homem, um de nós, esse sangue pode salvar. O seu amor, esse amor em que Ele se dá livremente por nós, é isso que nos salva".

5. Últimas palavras de Jesus na Cruz antes de morrer na Cruz.

Frederico Lourenço - As Últimas Palavras de Cristo na Cruz

Quem se dispuser a ler debaixo do microscópio os quatro relatos da crucificação e morte de Jesus nos quatro evangelhos canónicos verificará que nenhum dos evangelistas cumpre as nossas expectativas de encontrarmos tudo o que pensamos saber (ou o que estamos habituados a ver no cinema) sobre o que Cristo disse na cruz. É somente em Lucas (23:34), por exemplo, que Jesus perdoa os seus crucificadores: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem".

Mas estas palavras, ausentes dos outros evangelhos, serão autênticas? O mais antigo fragmento do Evangelho de Lucas, um papiro do século III, omite estas palavras. Elas estão também ausentes do Codex

Vaticanus e Codex Bezae, ambos do século IV. Estão ausentes de traduções antiquíssimas de Lucas para siríaco e copta, o que prova que os tradutores se basearam em originais gregos em que Jesus, pregado na cruz, não proferia estas palavras a perdoar os seus carrascos.

O Evangelho de Lucas é também o único em que Cristo, na cruz, diz a um dos que com ele foram crucificadas as palavras lindíssimas “hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:43). De igual modo, é só em Lucas (23:46) que Jesus diz, antes de morrer, “Pai, em Tuas mãos deponho o meu espírito”. Reconheça-se que a impressão transmitida pelo Evangelho de Lucas, de repositório de preciosidades ausentes dos outros evangelhos (desde logo o Bom Samaritano ou o Filho Pródigo), adquire consistência com estas três frases únicas ditas na cruz. No entanto, no seu relato da paixão e crucificação de Jesus, Lucas nunca poderia ter servido de fonte única ao cabotino-mor Mel Gibson, pois no Evangelho de Lucas, por extraordinário que isso possa parecer, Jesus não é flagelado. Mais surpreendente ainda: não é coroado de espinhos.

Outra curiosidade é que só Lucas descreve a crucificação de Jesus como um “espectáculo” (23:48), usando para tal, em sentido próprio, a palavra “teoria” na sua única ocorrência no Novo Testamento. Quem assistiu a esta “teoria”? Lucas não especifica nomes, ao contrário dos outros evangelistas, mas afirma que “todos os conhecidos” de Jesus olhavam à distância para o que estava a acontecer, assim como “as mulheres que o tinham acompanhado desde a Galileia”.

Que mulheres seriam essas? Mateus (27:56) identifica algumas delas: Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago e de José; e a mãe dos filhos de Zebedeu. Marcos (15:40) identifica-as como Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago e de José; e Salomé. João (19:25), por seu lado, identifica três Marias: a mãe de Jesus; a tia de Jesus; e Maria Madalena.

Em João elas não estão à distância, como nos outros evangelhos, mas sim junto da cruz. E de forma única no Evangelho de João, com as três mulheres está também um homem: o anónimo discípulo amado. Sobre a identidade do discípulo amado têm sido várias as hipóteses aventadas: desde João, filho de Zebedeu (a proposta tradicional) a Tomé e Lázaro. A circunstância de ele estar junto da cruz – facto omitido nos outros evangelhos – chama a nossa atenção. E mais ainda a situação de Maria, mãe de Jesus, se encontrar também ali. Como se explica que mais nenhum evangelho (nem sequer os apócrifos evangelhos de Pedro e de Nicodemo) mencione a Virgem Maria nos relatos da paixão e ressurreição de Jesus? Talvez a resposta mais plausível seja que os evangelistas Marcos, Mateus, Lucas, Pedro e Nicodemo não referem a sua presença pela simples razão de que não lhes passou pela cabeça que ela pudesse lá ter estado. Seja como for, é ao relato de João que temos de agradecer obras-primas artísticas como a Crucificação de Matthias Grünewald, a Pietà de Michelangelo ou, num nível bem menos sublime, o Stabat Mater de Pergolesi.

Devemos então interpretar como isentas de facticidade histórica as palavras unicamente ditas no Evangelho de João pelo Crucificado à sua mãe (“Mulher, eis o teu filho”) e ao seu discípulo amado (“Eis a tua mãe”)? Como é seu apanágio, o quarto evangelho deixa-nos desarmados perante os seus enigmas. Quando chegamos ao capítulo 19 onde se narra a crucificação, a mãe de Jesus (de quem nunca se diz neste evangelho que se chamava Maria ou que era virgem) andava desaparecida desde as bodas de Caná no Capítulo 2. O seu aparecimento inexplicado junto da cruz é muitas vezes interpretado como tendo somente valor simbólico, mas nada nos garante que não haja alguma centelha de verdade histórica na crucificação narrada por João, de quem dependemos, de resto, para informações que estão ausentes dos outros evangelhos: o letrado trilingue a proclamar a identidade do Crucificado; e o facto de Jesus ter sido pregado na cruz.

Esta informação não é dada no relato da crucificação propriamente dita – que tem em comum com os outros evangelhos o facto de, ao contrário do desclassificado filme de Gibson, primar pela sobriedade e pelo “understatement” – mas sim no episódio pós-ressurreição em que Tomé diz “a não ser que veja nas mãos dele a marcas dos pregos... não acreditarei”. É certo que o apócrifo Evangelho de Pedro também menciona os pregos, mas, dos quatro evangelhos canónicos, só o de João os refere.

Os evangelhos canónicos relatam-nos a vida de Cristo, mas é só muito raramente que entram, por assim dizer, na cabeça de Jesus e nos dizem o que ele estaria a sentir em determinada situação. Temos o caso da reacção espontânea de amor sentida por Jesus pelo jovem rico em Marcos 10:21, ou a irritação violenta sentida por Jesus no mesmo capítulo do mesmo evangelho (v. 14: remeto para a minha nota sobre esta passagem na tradução que publiquei dos Evangelhos). Temos também a expressão de sentimento interior traduzida pelo sintoma do choro em João 11:35, capítulo onde Jesus também se irrita duas vezes (em João

13:21 ele “agita-se no espírito”). A raridade destes momentos que nos transmitem as emoções de Jesus explica o facto de não nos ser dito, nos relatos canónicos da Paixão, o que Jesus estava a sentir ao ser agredido, flagelado, coroado de espinhos e crucificado.

No entanto, o apócrifo Evangelho de Pedro tem o cuidado de frisar que Jesus passou por todo o sofrimento da Paixão sem sofrer. Esta ideia herética, porém, colidia com a noção ortodoxa da natureza de Jesus, que excluía o conceito de um salvador só aparentemente humano. Outros escritos apócrifos de inspiração gnóstica (como o apócrifo Apocalipse de Pedro) falarão de um Jesus corporal a ser pregado na cruz, enquanto o verdadeiro Jesus se ri da cena da crucificação: “apegar-se-ão ao nome de um homem morto”, diz Cristo nesse Apocalipse de Pedro, “convencidos de que desse modo se tornarão puros; só que em vez disso se macularão ainda mais”.

No canónico Evangelho de João, é certo que (novamente de forma única) o Crucificado declara que tem sede (João 19:28). Mas o evangelista sublinha que a razão deste desabafo de Cristo na cruz era a necessidade de cumprir a Escritura (Salmo 68 do Antigo Testamento grego, correspondente ao Salmo 69 do hebraico). Será que o Jesus do Evangelho de João sente mesmo fome e sede (contraste-se Lucas 24:42)? O grande estudioso Ernst Käsemann interrogou-se sobre o sentido em que poderá ter corpo humano “alguém que caminha sobre a água e através de portas fechadas, que é intangível para quem o quer agarrar, que se senta junto do poço da Samaria para pedir, cansado, um pouco de água, ele que não precisa de beber e tem outro alimento que não aquele providenciado pelos seus discípulos” (ver a minha nota a João 1:14).

Ao contrário do que acontece em Mateus (27:46) e Marcos (15:34), Jesus, no Evangelho de João, não morre perguntando a Deus porque o abandonou, mas diz “está cumprido” (João 19:30). As famosas palavras em aramaico, diferentemente transliteradas por Mateus e por Marcos, devem ser interpretadas como sinal de desespero dilacerante – como prova de que não se tratou de uma crucificação sem sofrimento (como propõe o apócrifo Evangelho de Pedro)? Por outro lado, é preciso dar a devida importância ao facto de Mateus, Marcos e Lucas registarem a “voz grande” com que Jesus grita as suas últimas palavras. Este homem à beira da morte, depois de todos os maus tratos sofridos, não sai desta vida com um gemido, mas sim com um grito. Sobretudo no caso de Marcos, considerado o evangelho mais antigo, chama a nossa atenção o uso do verbo grego “gritar” neste momento da morte na cruz, já que de resto o evangelista emprega o verbo apenas em 1:3, na citação de Isaías.

Outra curiosidade linguística chama a nossa atenção na frase aramaica “Elôí elôí lemá sabakhtháni” (seguindo a transliteração que lemos em Marcos). No conjunto dos quatro evangelhos, este momento (e o correspondente de Mateus) é o único em que Jesus invoca Deus por meio da palavra “Deus” e não pela palavra “Pai”. Também é a única ocorrência de uma oração de Jesus em que as palavras não são dele, mas sim uma citação do Antigo Testamento. Na cruz, portanto, o Crucificado de Marcos e de Mateus exprime-se de forma extremamente atípica.

Todas as palavras atribuídas pelos evangelistas a Cristo na cruz levantam cada uma delas uma problemática própria, quer no que toca à sua história textual, quer no que diz respeito ao problema sobremaneira melindroso da sua historicidade. No século XVIII, o compositor austríaco Joseph Haydn contornou o problema das palavras ditas na cruz na sua obra musical “As Sete Últimas Palavras do Nosso Salvador na Cruz”, concebendo inicialmente a obra como peça exclusivamente instrumental (existem versões para orquestra, para quarteto de cordas e para instrumento de tecla). A obra foi depois remodelada em forma de oratório, mas a sua versão mais eficaz e comvente é a instrumental.

Talvez porque o mistério de Deus crucificado – independentemente daquilo que os seus seguidores quiseram mais tarde pensar que o Crucificado tivesse dito – seja algo que, em última análise, as palavras não podem exprimir. E quando a palavra soçobra, só a música nos pode levar mais longe.

As Últimas Palavras de Cristo na Cruz –por Frederico Lourenço

6. A Ressurreição

É importante distinguir entre a ressurreição de Jesus Cristo e a experiência pascal dos discípulos. A ressurreição de Jesus, em si mesma, não é um acontecimento verificável, pois não se trata da reanimação de um cadáver. Podemos dizer que a ressurreição é uma transformação recriadora que acontece pela acção do Espírito Santo na face interior da pessoa.

Por outras palavras, a ressurreição é um acontecimento de ordem espiritual, o qual não pode ser verificado pelos nossos sentidos. Na verdade, a ressurreição e a morte são acontecimentos simultâneos. A ressurreição é a vitória da vida sobre a morte. Como diz o evangelho de São Lucas, o Bom Ladrão entrou na tarde de Sexta-Feira Santa no Paraíso, pois este foi aberto por Cristo no momento da Sua morte e ressurreição (Lc 23, 43). "HOJE mesmo"... Segundo o evangelho de Mateus, no momento da morte e ressurreição de Jesus, os túmulos começam a abrir-se, isto é, a dinâmica da ressurreição de Jesus começa a atingir toda a Humanidade (Mt 27, 52).

As aparições do Senhor aos Apóstolos tornam-se um acontecimento histórico devido às transformações operadas nos Apóstolos e pelo testemunho que eles nos deixaram dessas aparições.

Mas a ressurreição, sendo um acontecimento histórico, não pertence à ordem dos "factos". Não é a reanimação de um cadáver, nem uma experiência que se possa alcançar a partir de fora. São Paulo é muito claro sobre este ponto. A ressurreição, diz ele é um acontecimento espiritual: semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível (1 Cor 15, 42). Semeado corpo terreno ressuscita-se corpo espiritual (1 Cor 15, 44). Depois acrescenta que a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus (1 Cor 15, 50). Isto significa que as pessoas ressuscitadas são uma realidade puramente espiritual. Mas isto não quer dizer que Jesus não tenha conservado a mesma identidade pessoal-espiritual que tinha antes. É isso que significa a linguagem do corpo e da corporalidade do Senhor nos relatos pascais. "É ele!", quer dizer, não outro.

Podemos dizer que, pela ressurreição, Jesus de Nazaré, sem deixar de ser o mesmo, passou a viver de modo radicalmente diferente. Na verdade, após a ressurreição, Jesus tinha a mesma identidade que tinha antes e por isso acabavam sempre por reconhecê-lo sem lhe perguntarem quem era. Os discípulos que nos deixaram os testemunhos evangélicos, para sublinharem esta verdade, por vezes exageravam e levavam ao limite as suas linguagens e imagens, transpondo para depois da Páscoa experiências que eles tiveram antes da Páscoa: como tocar-lhe, comer com ele, caminhar à conversa, etc.

Mas, ao mesmo tempo, também não deixam de sublinhar a diferença, dizendo que o corpo do Senhor ressuscitado é espiritual e glorioso e não uma realidade de grandeza biológica. Por isso falam de Jesus a aparecer entre eles estando as portas fechadas, passando através das paredes, ou estando presente, mas não sendo reconhecido imediatamente, exteriormente. A ressurreição de Jesus, portanto, não é um facto verificável em si, mas sim nas suas consequências.

Se o corpo glorioso de Cristo é a vida glorificada de Cristo, isto é, espiritual, então a experiência pascal dos discípulos teve de ser de tipo espiritual....

Se o corpo glorioso de Cristo é a vida glorificada de Cristo, isto é, relacional, então a experiência pascal dos discípulos teve de ser de tipo relacional...

Se o corpo glorioso de Cristo é a vida glorificada de Cristo, isto é, espiritual, então a experiência pascal dos discípulos teve de ser de tipo espiritual....

Se o corpo glorioso de Cristo é a vida glorificada de Cristo, isto é, relacional, então a experiência pascal dos discípulos teve de ser de tipo relacional...

Por outras palavras, os discípulos perceberam a presença misteriosa de Jesus, mas não identificavam a sua identidade logo à partida. Na verdade, a identidade de Jesus ressuscitado ia-se revelando de modo gradual à medida em que os discípulos interagiam com ele.

Se os discípulos comessem por identificar Jesus logo à partida, teríamos de confessar que não se tratava de Cristo Ressuscitado, mas de um Jesus reanimado. Jesus Ressuscitado, portanto, comunica-se aos discípulos como presença misteriosa que os discípulos, à partida, não reconheciam. Podia ser o jardineiro que falou a Maria Madalena, segundo João, ou o viajante do caminho de Emaús, segundo Lucas.

A presença mística do Ressuscitado exprime-se com um jeito que era familiar aos discípulos e esta é a razão pela qual eles o reconhecem sem que ele lhes diga quem é. Segundo os relatos das aparições de Jesus Ressuscitado, os discípulos acabavam sempre por o reconhecer sem ele dizer quem era.

Quando Jesus começa a comunicar com os Apóstolos, estes dão-se conta pouco a pouco de quem se trata. Na verdade, os discípulos estavam bem preparados para fazerem a experiência pascal, pois conviveram alguns anos com Jesus. O Senhor Ressuscitado era o mesmo Jesus com quem eles tinham convivido e por isso acabavam sempre por reconhecer o Senhor.

Por outras palavras, a "lente" que capacitava os Apóstolos para "verem" a identidade de Jesus era, de facto, a experiência vivida durante aqueles anos com Ele. Eis a razão pela qual a experiência pascal de Paulo

foi tão diferente da dos Doze. No caso de Paulo, o Senhor teve de dizer quem era, pois este não tinha vivido com Jesus (Act 9, 4-5).

Ao fazer a experiência de Jesus ressuscitado, Saulo ficou cego, isto é, não entendia o que se estava a passar (Act 9, 8-9). Os Actos dos Apóstolos dizem que São Paulo teve de ser iniciado pelos discípulos, pois não sabia o que lhe estava a acontecer e o que devia fazer (Act 9, 5-6).

Com efeito, São Paulo não tinha a "lente" adequada para conhecer o Senhor Ressuscitado, pois não tinha experimentado o jeito de ser e a identidade de Jesus antes da Páscoa. Isto quer dizer que, após a ressurreição, Cristo continua exatamente o mesmo, embora de modo totalmente diferente.

Os Apóstolos entendem que há uma identidade entre o Jesus com quem viveram e o Senhor Ressuscitado. À medida que a presença do Senhor se vai afirmando acontece o que eles nem podiam suspeitar: "É o Senhor". E esta certeza permanece para sempre. Para acontecer este reconhecimento, nem Jesus precisa de se identificar, nem os Apóstolos precisam de dizer uns aos outros de quem se trata. A presença mística do Ressuscitado exprime-se com um jeito que era familiar aos discípulos e esta é a razão pela qual eles o reconhecem sem que ele lhes diga quem é.

Logo que os Apóstolos se reúnem, após a Páscoa, o Espírito Santo faz deles o Corpo de Cristo. Ora, o corpo é mediação de encontro. Isto quer dizer que a comunidade cristã, reunida pelo Espírito Santo, é mais que a mera soma das pessoas. Mais do que isso, é uma mediação fundamental para as pessoas se encontrarem com Jesus Cristo Ressuscitado. E isto ainda não mudou.

Hino a Jesus reSuscitado

Jesus Cristo Ressuscitado,
és o senhor da Vida, pois venceste a morte no próprio acto de morrer.
Edificaste sobre o alicerce do amor
e por isso a tua tenda não foi destruída pelos vendavais que a ameaçavam.
Como te deste de modo incondicional, não podias terminar no vazio da morte.

De ti nos vem o Espírito Santo
que nos incorpora na comunhão universal do Reino de Deus
cujo coração és tu.

Apesar de seres homem connosco também pertences à esfera de Deus.
No evangelho de São João tu mesmo dizes "Eu e o Pai somos Um" (Jo 10, 30).

Jesus Cristo Ressuscitado,
Tu és o Senhor do Universo e a Cabeça da Nova Criação.
Com a tua ressurreição chegou o Fim dos Tempos,
isto é, o fim da gestação e o começo do parto que deu origem ao nascimento do Homem Novo.
Dizia São Paulo a este respeito:
"Se alguém está em Cristo é uma Nova Criação.
Passou o que era velho.
Tudo isto nos vem por Deus
que, em Jesus Cristo nos reconciliou consigo,
não levando mais em conta os pecados dos homens."

Jesus Cristo Ressuscitado,
és do lado de Deus e do lado Homem.
Como Cristo, o teu rosto tem uma face humana e outra divina.
O Humano e o Divino, em ti, interagem de modo definitivo.
Esta é a razão pela qual tu és o único medianeiro entre Deus e o Homem (1 Tm 2, 5).

Elegeste a Humanidade como alvo do teu amor, dando a vida por ela.
Por isso edificaste uma morada no coração de todos os seres humanos.

Viveste a nossa condição de homens em construção,
por isso sintonizas plenamente connosco.
Em ti, a dimensão divina não anula a humana,
pois Deus e o Homem não são concorrentes, mas cooperantes e convergentes.
És a garantia de que o Divino, ao tocar o Humano, não o anula.
Pelo contrário, otimiza-o, capacitando-o para dar frutos de Vida Eterna.
E assim nos asseguras que o humano será assumido no divino,
sem o mutilar ou empobrecer.

Esta seiva é o Espírito Santo
que, a partir da tua morte e ressurreição, nos é comunicado de modo intrínseco,
como uma Água Viva que faz brotar em nós uma fonte de Vida eterna (Jo 7, 37-39).

Jesus Cristo Ressuscitado,
só através de ti podemos atingir a divinização,
sendo incorporados na Família Divina
como filhos em relação a Deus Pai e irmãos em relação ao Filho Deus.

Após a Encarnação, os seres humanos foram enriquecidos
como os ramos de limoeiro, frágeis e doentes,
são enriquecidos pela seiva da laranjeira vigorosa depois de nela terem sido enxertados.

Jesus Cristo Ressuscitado,
Tu mereces a gratidão de todas as gerações,
pois tu abriste à Humanidade as portas do Paraíso fechadas por Adão,
como tu disseste ao Bom Ladrão (Lc 23, 43).

Em ti, o Humano e o Divino estão unidos para sempre.
Somos salvos na medida em que formamos um todo orgânico contigo.
Tu disseste que a nossa união contigo
é semelhante à união que existe entre a cepa da videira e os ramos (Jo 15, 1-7).
A nossa vida será fecunda, acrescentaste tu,
se estivermos unidos a ti como os ramos da videira estão unidos à cepa (Jo 15, 4-5).

A fé cristã diz-nos que todos os seres humanos se salvam em Jesus Cristo,
sejam cristãos ou não.
Por outras palavras:
Tu, Jesus Cristo Ressuscitado,
és o ponto de encontro definitivo entre Deus e o Homem
e a condição para passar através de ti para o Pai é o Amor,
não a profissão de um credo ou a prática de uma religião.
Conhecer-te é um dom imenso, mas não é uma condição de salvação.
A condição para a salvação é o Amor, não a religião.

Com os teus ensinamentos e o teu jeito de viver
introduziste na marcha da História uma dinâmica de libertação
à qual se opuseram os opressores do teu tempo.
No momento da tua morte, os teus inimigos cantaram vitória.
Não podiam imaginar que esse momento significava a vitória da vida sobre a morte.

Como homem foste em tudo igual a nós, exceto no pecado.
Viveste ao lado dos outros homens sem os considerares inferiores ou indignos da tua amizade.
A tua ação era a expressão da vontade de Deus,

revelando-nos deste modo o rosto e o coração bondoso do nosso Pai do Céu.
Na verdade, o amor com que nos amaste foi a expressão da paixão de Deus por todos nós.
Por isso, no momento da tua ressurreição inauguraste,
com os que te precederam na história,
a festa da Comunhão Universal.
Unidos a todos os que ressuscitaram contigo, nós te dizemos:
Glória a ti, Jesus Cristo Ressuscitado!

NO PRIMEIRO DIA DA SEMANA
Em Comunhão Convosco,
Calmeiro Matias
Derrotar montanhas – 20/21/23 de abril de 2017

Perceber a Semana (Dolorosa) e Santa (Ressurreição) do ano 33 d. C.
Em Sexta-Feira Santa de 2017 uma ainda e sempre atual entrevista do Padre Rui
Santiago à *Agência Ecclesia*

Jesus "foi o único que percebeu que da cruz se sai para cima" - Padre Rui Santiago
Ecclesia – 14.04.2017

<https://www.youtube.com/watch?v=YFCQzNPxSjc>